

ORIGEM E TENDÊNCIAS DA REDE URBANA BRASILEIRA: ALGUMAS NOTAS*

Roberto Lobato Corrêa**

Em primeiro lugar cumpre explicitar o que entendemos por rede urbana. Em termos genéricos a rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. É, portanto, um tipo particular de rede na qual os vértices ou nós são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas e os caminhos ou ligações os diversos fluxos entre esses centros¹.

A analogia acima necessita esclarecimentos. O tipo de rede a que nos referimos, a rede urbana, é um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações sociais espacializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução.

Em razão da desigual espaço-temporalidade dos processos sociais, da qual a rede urbana é simultaneamente um reflexo e uma condição, verifica-se a existência de diversos tipos de redes urbanas de acordo com o padrão espacial, a complexidade funcional dos centros e o grau de articulação interna e externa de cada rede. Os trabalhos de Smith e Gottman² constituem exemplos de estudos que evidenciaram a existência de redes urbanas em diversos contextos histórico-espaciais. Neste sentido não aceitamos os modelos formais de Christaller, Lösch e Zipf como referências dotadas de universalidade³. Semelhantemente, não endossamos a tese da existência de redes urbanas organizadas e desorganizadas, tese que está apoiada em parâmetros arbitrários, derivados de modelos hipotético-de-

* Recibo para publicação em 25 de outubro de 1993.

** Analista especializado em Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - e professor visitante do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

¹ Veja-se a este respeito HAGGETT P. e CHORLEY R. J. *Network analysis in geography*. New York: Saint Martin Pres, 1969. Os autores identificam três tipos de redes que interessam à geografia em geral: rede em árvore, em circuito e em barreiras. As duas primeiras descrevem arranjos espaciais da rede urbana.

² Consulte-se SMITH Carol A. *Causes and consequences of central-place types in Western Guatemala* e *Exchange systems and the spatial distribution of elites: the organization of stratification in agrarian societies*. In: -, (org.). *Regional Analysis*. New York: Academic Pres, 1976, respectivamente nos volumes 1 e 2. Veja-se também GOTTMANN Jean *Orbits: Ancient Mediterranean Tradition of Urban Network*. In: -, HARPER, Robert A. (org.). *Since Megalopolis*. Baltimore: John Hopkins University Press 1990. Nesse artigo Gottmann considera a vida urbana na região do Mediterrâneo oriental, cerca de 1500 anos a.C.

³ CHRISTALLER W., *Central places in Southern Germany*. Engle-wood Clifles: Prentice-Hall, 1966 (original de 1933); LÖSCH A. *The economics of location*, New haven: Yale University, 1954; e ZIPF, G.K. *Human behavior and the principle of least effort*, Cambridge: Addison-Wesley, 1949.

ditivos e normativos ou apoiada em visão etnocêntrica, européia e norte-americana, da urbanização.

Entendemos que para haver rede urbana três condições mínimas devem ser satisfeitas. Primeiramente tratar-se de uma sociedade vivendo em economia de mercado, com transações comerciais envolvendo bens produzidos localmente e bens produzidos externamente. Isto pressupõe uma mínima divisão territorial do trabalho. Em segundo lugar deve haver pontos fixos no espaço onde, de modo permanente ou temporário, as transações são realizadas. Esses pontos fixos, por outro lado, tendem a apresentar outras atividades que garantem a possibilidade das transações serem realizadas. Em terceiro lugar deve haver um mínimo de interações entre esses pontos fixos, interações que refletem e ratificam uma diferenciação hierárquica e/ou em termos de especialização produtiva entre eles⁴.

Todas as sociedades que apresentam as condições acima especificadas possuem redes urbanas. Assim, pode-se falar de uma rede urbana no mundo greco-romano ou na Baixa Idade Média, cada uma delas apresentando características próprias, inseridas nas respectivas organizações espaciais.

Na organização espacial do capitalismo do final do Século XX, caracterizada entre outros aspectos pela globalização-fragmentação, o mundo exibe grande diversidade de redes urbanas, assim como o fato de cada centro urbano participar simultaneamente, ainda que com intensidades diferentes, de diversas redes urbanas. Em cada uma delas desempenha um papel distinto. As grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, estruturadas em redes, desempenham poderoso papel na (re)definição funcional dos centros e na natureza e intensidade da integração de cada rede na economia global que possui poucos centros de gestão do território, cabeças de redes urbanas de abrangência mundial⁵.

A rede urbana brasileira, pela sua amplitude e diversidade, constitui-se em rico labo-

ratório para o estudo da dinâmica espacial da sociedade brasileira. Vamos, nestas notas, ressaltar as seguintes características articuladas entre si: a complexidade genética, os diversos padrões espaciais, a crescente complexidade funcional de seus centros e os diversos tipos e intensidade de integração interna e externa. As características acima apontadas resultam de um processo complexo de criação e evolução dos centros urbanos, processo esse que tem sido marcado por uma desigual espaço-temporalidade.

A COMPLEXIDADE GENÉTICA

A rede urbana brasileira é constituída por um conjunto de centros datados de diversos momentos. Coexistem no mesmo espaço cidades criadas na primeira metade do Século XVI, no início da colonização, e cidades nascidas na década de 80, enquanto outras mais serão criadas no início do Século XXI, na ainda não esgotada "fronteira do capital", a Amazônia. A rede urbana brasileira não está, assim, totalmente elaborada.

A coexistência, no presente, de núcleos urbanos criados em momentos diversos atesta a ação de diversos processos capazes de gerarem centros urbanos em tempos distintos. Delineia-se então uma complexidade genética da rede urbana brasileira⁶.

A complexidade traduz-se também pela diferenciação entre os centros urbanos no que se refere aos agentes e propósitos imediatos da criação.

A criação de núcleos estrategicamente localizados e sob a proteção de um forte, à entrada de uma baía ou junto à foz de um rio, constitui-se em um padrão de criação urbana visando à proteção do litoral e da via de penetração para o interior que em breve seria conquistado e povoado. Salvador, Rio de Janeiro e Belém são exemplos dessas criações urbanas coloniais.

⁴ CORRÊA, R.L. *A Rede urbana*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

⁵ SANTOS, M. Os Espaços da globalização: In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 3., 1993, Rio de Janeiro. *Anais ... Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1993; ... CORRÊA, R. L. Corporação e espaço: uma Nota, *Revista Brasileira de Geografia*, v. 53, n. 1, p. ..., 1991.

⁶ Sobre a origem das cidades brasileiras consulte-se AZEVEDO, A. de. "Vilas e Cidades do Brasil Colonial: Ensaio de Geografia Humana Retrospectiva". *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, v. 9, n. 1, 1957 e GEIGER, P. P. *A Evolução da rede urbana brasileira*, Rio de Janeiro, CBPE, 1963, que analisam o assunto para o conjunto das cidades do país.

A criação de núcleos ou o desenvolvimento de funções urbanas junto a uma atividade econômica foi regra geral na gênese da rede urbana brasileira: junto a uma sede de engenho de açúcar, de um seringal, de uma mina ou garimpo, de uma capela em fazenda, de uma fábrica têxtil, de uma pousada de tropas de burros ou no entroncamento de rotas de comércio. Os exemplos são numerosos e, muitas vezes, revelados pela toponímia urbana.

Entre os agentes criadores de cidades estão a Coroa portuguesa e o Estado brasileiro. As Províncias e os Estados da União também criaram núcleos urbanos, alguns dos quais com o propósito de transferir velhas e acanhadas capitais provinciais ou estaduais: Teresina em lugar de Oeiras, Aracaju em substituição a São Cristóvão, Belo Horizonte substituindo Ouro Preto e Goiânia a Goiás.

As empresas de colonização também criaram cidades. Londrina no norte do Paraná é um exemplo; outras estão localizadas no Planalto Ocidental paulista⁷ e outras, mais recentes, na fronteira amazônica, como se exemplifica com Ouro Preto do Oeste em Rondônia e Alta Floresta e Sinop em Mato Grosso.

Empresas industriais e de mineração criaram cidades, *company towns*, estreitamente dependentes de suas atividades e decisões: João Monlevade (Belgo Mineira), Volta Redonda (CSN), Harmonia (Klabin), Carajás (CVRD) e Porto Trombetas (Mineração Rio Norte) são apenas alguns dos muitos exemplos.

Finalmente, anônimos fazendeiros, "peões" rurais, camponeses, comerciantes, madeiros e garimpeiros criaram centenas e centenas de núcleos urbanos espalhados por todo o Território Nacional.

A complexidade genética da rede urbana brasileira, aqui apenas esboçada, é reveladora da existência de diversos padrões espaciais, da crescente complexidade funcional de seus centros e da complexa integração interna e externa dos centros da rede urbana.

OS DIVERSOS PADRÕES ESPACIAIS

A rede urbana brasileira não pode ser descrita a partir de um único padrão espacial, seja ele tipicamente *christalleriano*, dendrítico ou oferecendo algum tipo particular de arranjo espacial; as densidades de centros, por sua vez, variam desde as altas densidades de certas áreas do Sudeste, como a região urbano-industrial paulista, do Sul, como as zonas "coloniais" antigas gaúcha e catarinense, e do Nordeste como o Agreste pernambucano, às baixas densidades de centros das regiões escassamente povoadas como o Sertão nordestino.

Os diversos padrões espaciais são reveladores, ora de uma superposição, ora de uma justaposição, de processos criativos de núcleos urbanos verificados em momentos distintos e com propósitos também diversos, configurando no presente uma rede extremamente complexa⁸.

Ao que tudo indica o primeiro padrão espacial da rede urbana brasileira foi o padrão dendrítico, caracterizado por uma cidade litorânea criada para ser primeiramente um ponto de defesa do litoral e de uma via de penetração para o interior; posteriormente transforma-se em ponto de apoio à penetração e conquista do interior. A partir dela são criadas outras cidades subordinadas de modo sistemático a centros urbanos localizados a jusante ou na direção da cidade litorânea: as cidades "Bocas de Sertão" e "Pontas de Trilhos" são exemplos de centros do interior.

A rede urbana amazônica até 1960, aproximadamente, caracterizava-se por apresentar um padrão espacial dendrítico, comandada por Belém. As transformações verificadas na Amazônia, sobretudo a partir de 1970, introduziram maior complexidade à rede urbana, originando novos padrões espaciais não mais definidos pela rede fluvial nem por ligações exclusivas com a capital paraense⁹.

⁷ Veja-se o clássico *Pioneiro e fazendeiros de São Paulo* de MONBEIG, P. São Paulo: HUCITEC-Polis, 1984, que analisa o processo de valorização do oeste paulista (e norte paranaense), incluindo a gênese da rede urbana.

⁸ Sobre o assunto em pauta consulte-se o clássico estudo de HARRIS, C. D. e ULLMAN, E. *the nature of cities* de 1945 e reimpresso em *Readings in urban geography*, org. por MAYER, H. M. e KOHN, C. F. Chicago: The University of Chicago, 1959.

⁹ Sobre a rede urbana amazônica ver CORRÊA, R. L. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 49, n. 3, 1987.

A rede urbana das áreas industriais do Sudeste, especialmente aquelas do Vale do Paraíba e da área próxima à metrópole paulista - Santos, Jundiá, Sorocaba e Campinas - assim como pelo eixo que se estende de Campinas a Ribeirão Preto, caracteriza-se por forte tendência a uma coalescência física e forte integração funcional. Trata-se de um padrão espacial de áreas urbano-industriais originador de "corredores" urbanizados.

Assim, padrão espacial e complexidade funcional são correlatos, indicadores de um processo de transformação da sociedade e de sua organização espacial, da qual a rede urbana é uma de suas mais importantes manifestações e condicionantes.

A CRESCENTE COMPLEXIDADE FUNCIONAL DOS CENTROS

A rede urbana brasileira caracterizava-se até a 2ª Guerra Mundial por um limitado grau de diversificação funcional de seus centros. Diferenciavam-se entre si sobretudo no que se refere ao papel que desempenhavam como lugares centrais, distribuindo bens e serviços, e como centros de comercialização e beneficiamento da produção rural de suas hinterlândias. Alguns centros dispunham, adicionalmente, de forte função de residência de fazendeiros, enquanto outros tinham atividades industriais ou outra função pouco usual.

Através da posição de um dado centro na hierarquia urbana derivava-se a sua importância na rede de cidades. A divisão territorial do trabalho era, em termos gerais, dada pelas funções centrais distribuídas segundo um modelo hierárquico do tipo christalleriano.

A industrialização, a melhoria geral da circulação, o desenvolvimento de uma estratificação social mais complexa, criando níveis de demanda mais diferenciados, a modernização do campo e a incorporação de novas áreas, levaram a uma complexificação funcional dos centros urbanos brasileiros. A posição de cada centro na hierarquia urbana não é mais suficiente para descrever e explicar a sua importância na rede de cidades. É necessário que se considere suas *especializações funcionais*, sejam industriais ou vin-

culadas aos serviços, muitos dos quais criados recentemente.

A divisão territorial do trabalho entre os centros urbanos amplia-se. Potencialidades funcionais submersas emergem ou são efetivamente criadas. Ao mesmo tempo muitos centros perdem parte de suas funções. São pequenos núcleos urbanos que tinham sido criados sob determinadas condições de demanda e circulação. Muitos pequenos centros, antigos e novos, caracterizam-se como reservatórios de força de trabalho rural.

A complexidade funcional crescente vai traduzir-se, entre outros aspectos, no fato de que cada centro situa-se simultaneamente em pelo menos duas redes. Uma constituída por localidades centrais e na qual cada centro tem uma posição (metrópole, capital regional, centro sub-regional, centro de zona, centro local) e outra, menos sistemática e mais irregular, na qual cada centro desempenha um papel singular e/ou complementar a outros centros. Um exemplo é suficiente: a cidade paulista de Franca é simultaneamente um centro sub-regional subordinado a Ribeirão Preto e um centro industrial especializado na produção de calçados masculinos para o mercado nacional e internacional.

Complexidade funcional implica em diversos tipos e graus de integração dos centros.

A INTEGRAÇÃO INTERNA E EXTERNA

Qualquer rede urbana tem entre seus atributos necessários alguma integração interna e externa que, em razão da desigual espaço-temporalidade dos processos sociais, vai se traduzir, segundo as diversas redes urbanas, em tipos e intensidades distintas. Este é, sem dúvida, o caso dos diversos segmentos da rede urbana brasileira.

A integração, contudo, é relativamente recente quando se pensa em rede urbana nacional. Criada a partir de cidades litorâneas fundadas antes da constituição de suas respectivas hinterlândias, formou-se uma organização urbana descrita pela metáfora de um arquipélago no qual, no âmbito de cada

“ilha”, foi instituída uma rede do tipo dendrítico, centrada na cidade litorânea.

O desfazer desse padrão dendrítico foi gradual e desigualmente realizado, pressupondo uma similar recriação através das cidades “Bocas de Sertão” e “Pontas de Trihos” do interior. A crescente divisão territorial do trabalho e a necessária ampliação das articulações inter-regionais - via telefônica, ferroviária, rodoviária e pelas modernas e sofisticadas redes de comunicações - gerou uma rede urbana efetivamente nacional. Foi no pós-guerra e sobretudo a partir do forte processo de industrialização da década de 50, que a rede urbana brasileira foi efetivamente integrada. Nesta integração duas metrópoles nacionais emergiram, Rio de Janeiro e São Paulo, resultantes de processos que se realizaram em tempos e espaços distintos, mas que tiveram uma parcial sincronia e que foram focalizados em dois centros urbanos distintos.

A partir da década de 70 a rede urbana brasileira, caracterizada por uma complexidade genética, por diversos padrões espaciais e por uma crescente complexidade funcional, caracteriza-se por uma integração que apresenta novos padrões de desigualdades. Vejamos alguns aspectos dessa integração desigual.

A integração da rede urbana é mais complexa e intensa. Não mais é marcada exclusivamente por interações do tipo descrito pela teoria das localidades centrais, mas inclui também interações de complementaridade no âmbito de uma mais complexa divisão territorial do trabalho na qual há numerosas especializações funcionais que definem inúmeros centros urbanos.

A complexidade envolve tipos de relações que, se já eram existentes no passado, “tornaram-se mais intensas, operacionalmente mais modernas e eficazes” e, ainda mais, generalizadas por todo o Território Nacional¹⁰.

Passaram também a realizar-se “em diferentes direções, abrangendo centros que se situam em regiões não-contíguas entre si. Intensidade, generalização e não-contigüidade, que foram viabilizados pela difusão de modernos e eficazes meios de comunicação implantados pelo Estado¹¹.

A complexidade da integração envolve, por outro lado, o fato de cada centro urbano fazer parte de várias redes de cidades, redes vinculadas aos múltiplos papéis que desempenha e em parte associados às grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, elas próprias organizadas sob a forma de rede. Assim, uma capital regional que em passado não muito distante relacionava-se quase que exclusivamente com uma única metrópole regional, atualmente relaciona-se também com outras metrópoles, diversas capitais regionais e mesmo com alguns pequenos centros longinquamente localizados¹².

A continuidade do processo de industrialização que se difundiu parcialmente pelo interior, a modernização do campo gerando o seu esvaziamento de homens ao mesmo tempo que introduzia novas demandas nas cidades, as transformações na estrutura comercial, as novas vias de circulação de mercadorias e os novos meios de telecomunicações, constituem um conjunto articulado de fatores vinculados ao grande capital e à ação do Estado, que afetaram os tipos e a intensidade da integração da rede urbana brasileira.

A integração é, assim, desigual. A metrópole paulista emergiu claramente como centro maior da rede urbana. Assim, à guisa de exemplo, em 1990 São Paulo apresentava número maior de ligações telefônicas internacionais que o Rio de Janeiro: a relação era de 100 para 70. Com as demais capitais estaduais a relação favorecia mais ainda a metrópole paulista: 100 e 45¹³.

¹⁰ Estas relações são as seguintes: migrações rurais-urbanas e entre cidades, comercialização e beneficiamento da produção rural, drenagem da renda fundiária rural, investimentos em áreas rurais e urbanas, distribuição de bens e serviços e difusão de ideais e valores. Sobre o assunto consulte-se CORRÊA, R. L. *A Rede Urbana*, e ainda do mesmo autor *Novas Dimensões Geográficas do Urbano no Brasil*, Conferência apresentada no II Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Rio Claro, outubro de 1991 e publicada no *Boletim de Geografia Teórica*, v. 21, n. 42, 1991.

¹¹ Veja-se CORRÊA, R. L. *Novas dimensões geográficas do urbano no Brasil*.

¹² Sobre o assunto consulte-se SANTOS, Milton, *Metamorfoses do espaço habitado*, São Paulo: HUCITEC, 1988, sobretudo o capítulo 4 e CORRÊA, R. L. *Novas dimensões geográficas do urbano no Brasil*,

¹³ NACIF, Cristina Lontra, *Rede Urbana do Sudeste: uma análise através dos fluxos telefônicos*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 1993.

A rede urbana do Sudeste, por outro lado, apresenta-se mais integrada que os outros segmentos da rede urbana nacional. As ligações entre São Paulo e as capitais regionais de sua hinterlândia são mais intensas que aquelas entre as demais metrópoles regionais e suas respectivas capitais regionais.

No âmbito do Sudeste, contudo, a intensidade das interações espaciais também varia, evidenciando um conjunto urbano-industrial que, tendo como foco a metrópole paulista, irradia-se para a Baixada Santista, o Vale do Paraíba paulista, a cidade de Sorocaba e o "corredor" constituído por Jundiá, Campinas, Americana - Santa Bárbara do Oeste (e uma extensão na direção de Piracicaba), Limeira, Rio Claro, São Carlos, Araraquara e Ribeirão Preto. As interações espaciais nesta região são intensas, evidenciando relações de subordinação e complementaridade. Assim, as in-

terações entre Ribeirão Preto e Araraquara, Campinas e Piracicaba e São José dos Campos e Taubaté são mais intensas que aquelas entre Belo Horizonte, de um lado, e Montes Claros, Juiz de Fora, Governador Valadares e Teófilo Otoni, de outro¹⁴.

A desigual integração da rede urbana brasileira, que foi ampliadamente ratificada nos últimos 20 anos, revela claramente os resultados de um processo de desenvolvimento capitalista que, longe de gerar uma tendência à homogeneização social e da organização espacial, acentua as diferenças entre os diversos segmentos da rede urbana brasileira, revelando, através da rede urbana, uma efetiva integração de parte da população ao sistema social e, simultaneamente, uma menor integração, senão exclusão, de parcela importante da população.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, A. de. Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia humana retrospectiva. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, v. 9, n.1, 1957.
- CHRISTALLER, W. *Central places in southern Germany*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.
- CORRÊA, R.L. Conferência inaugural: novas dimensões geográficas do urbano no Brasil. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v.21, n. 42, p.12-17, 1991. Número especial que inclui os trabalhos apresentados no Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2., Rio Claro, outubro de 1991.
- _____. Corporação e espaço: uma nota. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.53, n.1, p.137-145, jan./mar. 1991.
- _____. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.43, n.3, p. 39-68, jul./set. 1987.
- _____. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989.
- GEIGER, P.P. *A evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro: CBPE, 1963.
- GOTTMANN, J. Orbits: ancient mediterranean tradition of urban network. In: GOTTMANN, J. Orbits, HARPER, Robert A. (Org.). *Since megalopolis*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1990.
- HAGGETT, P., CHORLEY, R.J. *Network analysis in geography*. New York: Saint Martin Press, 1969.
- HARRIS, C. D., ULLMAN, E. The nature of cities in 1945. In: MAYER, H. M., KOHN, C. F. (Org.). *Readings in urban geography*. Chicago: The University of Chicago, 1959.
- LÖSCH, A. *The economics of location*. New Haven: Yale University Press, 1954.
- MONBEING, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC: Polis, 1984.

¹⁴ NACIF, Cristina Lontra, op. cit..

- NACIF, C. L. *Rede urbana do sudeste: uma análise através dos fluxos telefônicos*. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.
- SANTOS, M. Os espaços da alfabetização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 3., 1993, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1993.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SMITH, C.A. Causes and consequences of central-place types in western Guatemala. In: REGIONAL analysis. New York: Academic, 1976a. 2v.
- _____. Exchange systems and the spatial distribution of elites: the organization of stratification in agrarian societies. In: REGIONAL analysis. New York: Academic, 1976b. 2 v.
- ZIPF, G.K. *Human behavior and the principle of least effort*. Cambridge: Addison - Wesley, 1949.

RESUMO

A rede urbana brasileira apresenta enorme complexidade genética, diversos padrões espaciais, crescente complexidade funcional de seus centros e uma desigual integração interna e externa que resultam de um complexo processo de criação e evolução.

ABSTRACT

Brazilian urban network has been developed through a complex genetic process, has various spatial patterns, an increasing functional complexity and an unequal internal and external integration, which are due to a complex process of creation and evolution.